

Sacramentos

Túmulo ou berço da comunidade cristã?(*)

Walter Altmann

1. A PERGUNTA CRÍTICA PELOS SACRAMENTOS NA PRÁTICA

A prática dominante dos sacramentos é caracterizada pelo recurso individualizante, mágico e descomprometido a forças divinas. Não obstante, há experiências efetivas dos sacramentos, denotando a vitalidade do evangelho na renovação e no fortalecimento da comunidade cristã em serviço.

Como muitos outros, tenho experimentado na celebração dos sacramentos altos e baixos na vivência da fé. Embora saiba que a eficácia dos sacramentos, enquanto meios de graça, não depende das formas litúrgicas, muito menos da intensidade das sensações evocadas, é indiscutível que a função assumida pela prática pastoral está relacionada com o significado que é percebido pela comunidade participante. Ora, nossa percepção nos diz que a prática sacramental está em crise.

Confesso que não posso deixar de perceber algo de profundamente contraditório na maioria das celebrações batismais e eucarísticas em nossas comunidades. Há nelas algo de mecânico que simbolicamente contradiz a renovação de vida e o senhorio de Cristo, proclamados e transmitidos. É freqüente, por exemplo, o pastor chegar a conhecer os pais de uma criança a ser batizada apenas momentos antes do respectivo culto. Mesmo nos casos mais "normais", a comunidade parece estar acostumada aos batismos em série, sem se aperceber do desafio e do impulso que advêm de cada celebração batismal. Mais mecânica ainda parece ser a celebração da Santa Ceia, para a qual acorrem massas em ocasiões

(*) Texto revisto e abreviado de uma palestra proferida na Faculdade de Teologia, no I semestre de 1979.

especiais, como à época da paixão. Mas mesmo quando a afluência é bem menor, é freqüentemente dominante a preocupação pela agilização da celebração, a fim de que ela se desenrole mais rapidamente. Denota-se aí sempre a marca individualizante que adquiriu a celebração sacramental. Tem-se pressa em obter a graça sacramental, para "ir para casa". Não discuto a validade dessas celebrações sacramentais. Tampouco advogo que se abstenha de participação nelas, porque raramente a abstenção – mesmo que por protesto – tem força de curar algo que porventura está enfermo, mas que é vital para a igreja.

Contudo, são numerosas as tentativas de renovação da prática sacramental, a denotar a crise em que se encontra. E não há dúvida que em muitas dessas ocasiões – embora evidentemente também possa haver abusos – chega-se a experimentar de maneira renovada o significado mais profundo da celebração sacramental. Sempre que tenho participado de tais celebrações, realçava-se o aspecto comunitário. Havia algo em comum entre os participantes, muito mais amplo do que apenas a celebração. Havia uma vivência comunitária cristã. Conseqüentemente podia haver preocupação com a "ordem", mas havia muito mais empenho pela simbologia adequada do que pela eficiência técnica. A pressa nunca foi dominante. Lembro-me com alegria, por exemplo, de um culto em que foi batizado um jovem de lar budista. A intensa compenetração da comunidade não deixou dúvidas de que todos, acostumados a celebrações batismais mensais, estavam sob o impacto do batismo em sua radical dádiva e comprometimento de uma nova vida. Que significado profundo adquire a ceia do senhor, quando celebrada por uma comunidade que tem uma vivência cristã efetivamente comum, por exemplo na defesa dos direitos do povo, e expõe diante de Deus e dos irmãos seus fracassos e êxitos, pelos quais pede perdão e agradece, renovando-se em sua intercessão e serviço. Evidentemente não nego a dimensão pessoal dos sacramentos, mas o cristão obtém perdão e renovação não isoladamente, mas como membro da comunidade cristã.

Nesses exemplos pretendi prefigurar a pergunta de nosso tema. Sacramentos – túmulo ou berço da comunidade cristã? Como pode o mesmo sacramento ter funções tão diferentes? Que modo de viver a fé, que condicionamentos e interesses se escondem por trás de cada tipo de prática? É possível "minar" uma prática "tumular" e favorecer uma prática de "berço"? Que condições devem estar dadas para que uma seja evitada e outra se torne realidade?

Essas questões devem nos acompanhar e servir de guia em nossa reflexão.

2. OS SACRAMENTOS NA REFORMA LUTERANA

2.1. A Confissão de Augsburgo, em seu artigo VII(1), coloca a “reta administração dos sacramentos” na definição de igreja, tornando a pergunta crítica pela doutrina e prática sacramental irrenunciável numa igreja luterana.

O mencionado artigo apresenta uma dificuldade interna, na medida em que, de um lado, exige a “reta administração dos sacramentos” e, de outro, declara indiferentes questões de “rito ou cerimônia”, que podem variar legitimamente. Isso poderia dar a entender que bastaria uma doutrina correta acerca dos sacramentos. Contudo, não é essa a intenção da Confissão de Augsburgo. É claro que pode haver variabilidade litúrgica, mas a reta administração dos sacramentos inclui sua prática. (Mais adiante veremos a preocupação de Lutero a esse tocante.) Ademais, esse artigo não declara “indiferentes” as questões cerimoniais, mas assevera apenas que para a “unidade da igreja” não é necessária “uniformidade de cerimônias”. Mesmo assim, permanece como legítima a pergunta pelas cerimônias “adequadas” ou “mais apropriadas”. Em todo caso, é irrenunciável a pergunta crítica pela deturpação do significado do sacramento, eventualmente advinda de uma prática sacramental inadequada.

2.2. Lutero reconheceu na doutrina e prática sacramental da Igreja Católica de sua época o “cativeiro babilônico” da própria igreja(2). Sua libertação da transformação em rito mágico, obra humana e instrumento de opressão ocorre pela volta ao sentido evangélico, concretamente pelo destaque

à palavra,
ao sinal e
à fé.

Lutero sempre de novo lamenta que as pessoas já não conhecem mais o significado dos sacramentos. Conseqüentemente elas têm expectativas falsas quanto aos sacramentos. Crêem que algo mágico ocorra, transformando-as automaticamente em pes-

(1) Livro de Concórdia. As Confissões da Igreja Evangélica Luterana (São Leopoldo / Porto Alegre, 1980), pág. 31 e 66.

(2) Martín Lutero, *De captivitate Babilonica ecclesiae praeludium*, em: WA, VI, pág. 497-573; texto espanhol: *La cautividad babilónica de la iglesia*, em: *Obras de Martín Lutero, I* (Buenos Aires 1967), pág. 173-259.

soas miraculosamente protegidas. Supõem que pela simples recepção dos sacramentos têm garantida a vida eterna. Nada ficam sabendo da verdadeira ajuda proporcionada pelos sacramentos, muito menos do comprometimento que acarretam.

De outra parte, essas pessoas se tornam dependentes de uma igreja que não lhes ensina o significado dos sacramentos. Pois a igreja é detentora e distribuidora do poder da graça. Os fiéis se tornam recebedores, em vez de participantes. A racionalização ideológica dessa prática Lutero divisou na doutrina do "ex opere operato", isto é, que o sacramento teria eficácia por força de sua efetivação, independente da fé do recebedor(3).

Era preciso, portanto, um processo de libertação. Este basicamente se derivava da proclamação do Evangelho e se concretizava em três aspectos, mutuamente relacionados. Lutero divisou que todo sacramento compreendia uma promessa (ou palavra) divina, um sinal exterior e a fé que recebe a promessa. A promessa divina deve ser conhecida, proclamada, percebida e assumida quando se celebra o sacramento. A partir daí, por exemplo, Lutero condenou veementemente a prática de apenas murmurar as palavras de instituição da ceia do Senhor sobre os elementos pão e vinho, em vez de pronunciá-las audivelmente. Além disso, requereu como imprescindível a pregação do significado dos sacramentos.

Onde há uma promessa e oferta divina, deve haver uma fé que recebe. "Pois onde há a palavra de Deus, que promete, aí é necessária a fé do ser humano que a agarra." (4) Conseqüentemente, Lutero não podia ver como salutar a mera participação ignorante e descompromissada nos sacramentos. Ao contrário, essa era a participação indigna, que, segundo o apóstolo Paulo, é para a condenação (I Co 11.27). A vinculação de promessa e fé foi também concretamente o meio de transformação da prática sacramental de rito mágico para sinal significativa(5).

(3) Hoje essa crítica de Lutero não é mais válida, na medida em que a Igreja Católica já não entende simplesmente assim o "ex opere operato". Certamente, esta doutrina aponta para a eficácia divina do sacramento, o que Lutero tampouco pôs em dúvida. De outra parte, porém, segundo o Vaticano II, os sacramentos "supõem a fé", "a alimentam, a robustecem e a expressam" (*Sacrosanctum Concilium*, Constituição Dogmática sobre a Liturgia, art. 59), o que certamente é uma formulação excepcionalmente bela e adequada para o que Lutero acentuou.

(4) Lutero, op. cit., WA VI, p. 532; esp.: pág. 212.

(5) Depreende-se daí a rejeição de Lutero das missas em intenção por outras pessoas ou por defuntos.

É impressionante notar quantas semelhanças há na problemática enfrentada por Lutero e a abordada por Juan Luis Segundo em seu livro "Os Sacramentos Hoje"(6). Também ele quer passar "da magia para o sinal"(7). Sem dúvida, Lutero pode nos ajudar nesse empreendimento, embora não possamos simplesmente repetir o mesmo processo. Aliás, é significativo que a própria igreja luterana enfrenta hoje precisamente o mesmo problema atacado por Lutero. Veremos que, inversamente, também o católico J. L. Segundo pode nos ajudar hoje.

Voltemos, porém, a Lutero. Foi-lhe decisiva a correlação entre promessa e fé, e ele pôde afirmar até mesmo que eventualmente se poderia obter a salvação sem o sacramento, mediante a promessa e a fé, mas jamais ao revés, ou seja, mediante o sacramento, sem a promessa e a fé. No entanto, Lutero não desvalorizou o sinal, como poderia parecer. Ao contrário, valorizou-os, pois a promessa de Deus assume a concreticidade das nossas coisas, "se materializa", por assim dizer. A perda do sinal é um desprezo dessa vontade concreta de Deus, o qual mediante esse meio visível conforta e fortalece o crente na promessa. A renúncia ao sinal pode acarretar a perda do significado e conseqüentemente da própria promessa. Assim, por exemplo, Lutero reintroduziu a distribuição do cálice na ceia do Senhor, não pela eventual falsidade doutrinária católica nesse ponto, mas pela perda concreta do sinal. Ele acabou condenando a participação meramente intencional na missa(8). E optou pelo batismo de imersão(9), por causa do sinal. Essa também foi a prática das igrejas luteranas até o século XVIII, quando se perdeu. Hoje foi perdida por completo até mesmo a memória histórica dessa prática(10).

(6) Juan Luis Segundo. *Os Sacramentos Hoje*. Em: *Teologia Aberta para o Leigo Adulto*, Vol. 4 (São Paulo 1977)

(7) *Ibidem*, pág. 115.

(8) Havia um costume relativamente difundido de "assistir" à missa, sem participar na ceia, a não ser por intenção e devoção.

(9) A criança inteira recebia um "banho batismal".

(10) Esta vinculação de palavra, sinal e fé é também característica nos Catecismos Menor e Maior de Lutero (cf. *Livro de Concórdia*, pág. 375s, 474-480, 483-486). No que segue, porém, baseio-me, por praticamente desconhecidos entre nós, nos escritos de Lutero de 1519 acerca do batismo e da ceia do Senhor (*Sermon von dem heiligen hochwürdigen Sakrament der Taufe*), WA II, pág. 727-737, e *Sermon von dem hochwürdigen Sakrament des heiligen wahren Leichnams Christi und von den Bruderschaften*, WA II, pág. 742-758; texto espanhol: *Sermón acerca del santo y dignísimo sacramento del bautismo* e *Sermón acerca del dignísimo sacramento del santo y verdadero cuerpo de Cristo y las cofradías*, em: *Obras de Martín Lutero*, Vol. V, pág. 225-235 e 203-219).

2.2.1. A palavra

O significado do batismo é que, pela graça de Deus, o ser humano morre para o pecado e ressuscita para a justiça.

Lutero relaciona seu conceito de batismo com textos como Tito 3,5 (banho para o renascimento) e João 3,3.5 (renascimento pela água e espírito). Característico e importante para Lutero é que ele distingue⁽¹¹⁾ entre o físico e o espiritual, um início e um processo. Observa ele que o ato do batismo é algo rápido, mas em verdade perdura por toda a vida e só se completa por ocasião da morte. Ou seja, o sinal passa logo, mas o significado permanece. "Assim, toda esta vida não é nada mais do que um permanente batizar espiritual até a morte."⁽¹²⁾

Lutero aplica esse conhecimento em duas direções, seguindo a imagem do afogar e reerguer, morrer e ressuscitar com Cristo (Rm 6). Há aí uma dialética. De um lado, embora o batismo seja um morrer para o pecado, este não cessa de todo enquanto perdurar a vida. Daí a necessidade do afogar diário do pecado, o seu combate incessante. De outro lado, assevera o Reformador, a justiça estabelecida no batismo, vivencialmente apenas começa com ele, não estando completa. Ao contrário, deve crescer e ser procurada. Como ocorre essa dupla tarefa?

Ocorre concretamente, em que o batizado se lembra de seu batismo, retorna a ele pela penitência e crê ser verdadeira a promessa divina nele contida. De modo que olhando para o sinal, para o batismo, para a graça divina, ele se reconhece como puro e inocente. Olhando para si, porém, para sua vida, deverá reconhecer que não é sem pecado e puro em todos os sentidos. Ele só iniciou. Crê, porém, no batismo, e assim avança em sua "purificação". Essa dialética⁽¹³⁾ Lutero ilustra com a imagem da aliança entre Deus e o ser humano, estabelecida no batismo:

"Em primeiro lugar tu te entregas ao sacramento do batismo e seu significado, isto é, desejas morrer com teus pecados e ser feito novo no dia do juízo final. ... Isso Deus aceita de ti e faz com que

(11) Note-se que, como no dogma cristológico da Igreja Antiga, trata-se de uma distinção **sem separação**. Não se deve olhar para essa problemática com a perspectiva corrente da assim chamada doutrina dos dois reinos, também esta geralmente mal-entendida.

(12) WA II, pág. 728; esp.: Obras de Martín Lutero, V, pág. 226.

(13) Observe-se que Lutero não faz distinção quantitativa, como se no sacramento Deus efetuasse apenas uma parte da obra, cabendo ao batizando complementá-la. Sua ótica não é dogmatizante, mas vivencial. Uma é a perspectiva divina, em que tudo está feito, outra a experiência humana em que se desenrola um processo.

sejas batizado, começando a partir dessa hora a te fazer novo. ... Em segundo lugar, tu te comprometes a ficar assim e a matar teus pecados mais e mais, enquanto viveres, até a morte. Também isso Deus aceita e te treina durante toda a tua vida com muitas boas obras e múltiplos sofrimentos.”(14) Aí Lutero lembra os sofrimentos dos mártires e assinala: “Se isso não acontece e nós não sofremos nem somos treinados, a má natureza toma conta do ser humano; então este perde o proveito do batismo, cai em pecado e permanece um ser humano velho, como era antes.”(15) Assim o ser humano está em exercício permanente e “tudo isso acontece no batismo; aí Cristo nos é dado”(16).

O significado da ceia do Senhor é que, pela comunhão com Cristo, seus bens se tornam bens tidos em comum pelos que dela participam, e que inversamente também todos os sofrimentos e pecados se tornam bem comum, de modo que o (nosso) amor é acendido no amor (de Deus).

Lutero observa que a palavra “comungar” significa ter comunhão com Cristo e com os irmãos, e não simplesmente ir ao sacramento(17). E ilustra com 1 Co 10,27, “somos todos um pão e um corpo”, e 1 Co 12,25s, onde os membros do corpo são exortados a cuidar uns dos outros. “Assim o vemos: se a alguém dói o pé, ou só o dedinho do pé, o olho verifica, os dedos apalpm, o rosto se contrai e todo o corpo se inclina a ele, e todos se ocupam com o menor dos membros. Inversamente, se ele está bem cuidado, isso faz bem a todos os demais membros.”(18) Então Lutero lembra com Zc 2,8 que quem cometer mal contra outrem o faz “à menina dos olhos” de Deus e com Mt 25,40 que o que for feito ao menor dos seres humanos terá sido ao próprio Cristo.

Lutero sabe, como já vimos no contexto do batismo, que no crente continua a se evidenciar a realidade do pecado(19). Por isso requer-se uma ajuda dupla. É preciso que Cristo (e seus santos) interceda(m) por nós junto a Deus, de uma parte para que ele não nos condene, de outra para que sejamos admoestados e fortalecidos contra o pecado. Para ambas as coisas nos é dada a ceia do Senhor. Nela divisamos, em primeiro lugar, que todas essas coisas

(14) WA II, pág. 730; esp.: op. cit., pág. 228.

(15) WA II, 730s.; esp.: op. cit., pág. 229.

(16) WA II, 731; esp.: op. cit., idem.

(17) WA II, 743; esp.: op. cit., pág. 204.

(18) WA II, 744; esp.: op. cit., pág. 205.

(19) Ou, como Lutero gostava de dizer, as “reliquiae peccati”. o remanescente do pecado, já extinto mas ainda presente.

foram acumuladas no corpo de Cristo. Ele assumiu o nosso pecado, nós seu corpo santo.

Ademais, se é verdade que somos açoitados pelo diabo, pela maldade do mundo, pela nossa má consciência e pelo temor da morte e do inferno, então ficaríamos "cansados e apáticos, se não procurássemos e tivéssemos fortalecimento nessa comunhão"(20). Assim, quem estiver atribulado, vá alegremente ao sacramento do altar, coloque seu sofrimento na comunidade e procure auxílio nessa mesma comunidade. Tudo se tornou "uma causa comum para Cristo e seus santos"(21). Não estou mais só.

Tendo assim recebido um sinal concreto do amor de Deus, inversamente tenho que carregar em amor a carga dos demais. "Aí teu coração tem que se entregar ao amor e aprender como esse sacramento é um sacramento do amor, e assim como tu experimentaste amor e apoio, também tens que mostrar amor e apoio a Cristo e seus pobres. Pois aí tens que sofrer com tudo quanto desonra a Cristo e sua santa palavra, toda a miséria da cristandade, todo o sofrer de injustiça por inocentes. Disso há por demais em todos os lugares do mundo. Aí tens que combater, fazer, interceder e, se nada mais pudeses fazer, sofrer junto."(22) Sem dúvida, é preciso recuperar a memória desse teólogo da libertação!

A consequência será oposição do mundo, perseguição. "Eis que quem tiver a vontade e se sabe comprometido a fazer causa comum com aquilo que atinge Cristo e todos os cristãos; quem se empenha pela verdade, combate a injustiça, ajuda a carregar a necessidade dos inocentes e o sofrimento de todos os cristãos, esse encontrará necessidade e oposição suficientes"(23) para precisar sempre de novo a ceia como fortalecimento e conforto. Assim, nesse processo vivencial e nessa luta, Lutero insere a necessidade de participação repetida e freqüente na ceia do Senhor.

2.2.2. O sinal

A água, em que em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o batizando é imergido e dela outra vez levantado, assinala o afogamento do velho e o surgimento do novo ser humano.

Já mencionei acima que Lutero optou pelo batismo de imersão que em seu tempo já havia sido largamente substituído pelo

(20) WA II, 744; esp.: op. cit., pág. 206.

(21) WA II, 745; esp.: ibidem.

(22) WA II, 745; esp.: op. cit., pág. 206s.

(23) WA II, 746; esp.: op. cit., pág. 208.

batismo por aspersão. Segundo Lutero, a criança ou quem for batizado deveria ser imerso inteiramente na água e outra vez erguido, pois isso seria requerido, ademais de pela etimologia do termo “batismo”, sobretudo por seu significado de afogar o velho ser humano caracterizado pelo pecado e nascido de carne e sangue, para que renasça o novo ser humano pela graça de Deus. “Por isso, dever-se-ia agir de acordo com o significado dando um sinal correto e perfeito.”(24)

O pão e o vinho, que o comungante come e bebe, é o corpo e sangue de Cristo, assinalando a recepção de Cristo em nós e entre nós.

Não menor é a simbologia(25) no tocante à ceia. O sinal exterior consiste em pão e vinho, que devem ser comido e bebido, para que a recepção de Cristo fique mais adequadamente simbolizada. Quando Lutero requer que a ceia seja distribuída ao povo sob ambas as espécies (pão e vinho), não questiona a validade teológica teórica de que Cristo já está inteiramente presente no pão, mas faz a observação teológica prática de que sendo a ceia o total e indivisível sacramento da comunhão com Deus e com os irmãos, seria adequado receber o sinal não apenas em parte, mas totalmente(26). A simbologia é mais ampla ainda, porém. Um só pão, composto contudo de muitos grãos de trigo – assim nós, embora muitos, somos juntados e unidos a um só corpo, a comunidade de Cristo. O pão, corpo de Cristo, é partido e distribuído a todos, dádiva de Cristo a cada qual. Analogamente, um só vinho composto de muitas bagas de uva, mas outra vez distribuído a todos que recebem a morte salutar de Jesus. “Cristo com todos os santos assume por seu amor a nossa forma e luta junto conosco contra o pecado, a morte e todo mal; por isso somos contagiados no amor e assumimos a sua forma, confiando-nos em sua justiça, vida e bem-aventurança. Somos assim pela comunhão originada entre seus bens e nossa miséria, um bolo, um pão, um corpo, uma bebida, e tudo é comum.”(27) Quer dizer, a comunidade cristã é fortalecida. Dentro dela, cada um de seus componentes recebe a Cristo. Por isso – segue ainda a simbologia – é importante o beber e o comer (mastigar), para que

(24) WA II, 727; esp.: op. cit., pág. 225.

(25) É evidente que quando aqui falamos em simbologia não assumimos uma compreensão meramente simbólica do sacramento que negasse a presença real de Cristo. Contudo, o sinal, aliado ao qual a palavra perfaz o sacramento, tem seu significado próprio, que não deve ser desprezado, se não queremos espiritualizar ou racionalizar o sacramento, tornando-o, em última análise, dispensável, porque restariam tão-somente a palavra (promessa) e a fé.

(26) WA II, 742; esp.: op. cit., pág. 203.

(27) WA II, 748; esp.: op. cit., pág. 209.

também na concreticidade do sinal não paire dúvida de que se recebeu realmente a Cristo(28). Mais ainda: assim como o pão e o vinho, tendo sido consumidos, passam a fazer parte de nosso próprio corpo, assim também Cristo e seus dons passam a ser nossos(29).

2.2.3. A fé

A fé, sempre acossada, recebe e atualiza a nova vida na justiça de Deus, acompanhando-a, renovando-a e fortalecendo-a.

A fé não só sabe a respeito do perdão e do amor, mas de fato confia tê-los recebido e poder viver, em sofrimento e amor, a justiça de Deus.

Se os sacramentos não são um acontecimento mágico que por influxo de um poder divino ocasionem um novo estado, mas sinalizada presença de Deus, efetiva por sua promessa e ocasionadora de um processo incessante de vida, então a fé é indispensável. A fé apreende, recebe e acarreta a nova vida. A fé se apega à promessa de Deus e assim se fortalece para o amor e a justiça. "Pois para todos quantos foram batizados, o batismo fez da calma, do conforto e da satisfação desta vida algo muito venenoso, porque tudo isso é um impedimento para a obra do batismo. Pois neles ninguém aprende a sofrer e a morrer ... Ao contrário, só cresce o amor a esta vida e o pavor à vida eterna."(30)

De outra parte, a fé também é ameaçada e abalada. Tanto mais razão para se buscar a ceia, pois esta também fortalece a fé, na comunhão. De modo que Lutero não tem em mente a existência preliminar de uma fé perfeita e completa, para então participar dos sacramentos, mas tampouco pode admitir a recepção do sacramento sem a fé, mesmo que vacilante.

2.2.4. Conclusão

Os sacramentos são dádivas de Deus, materializadas em água, pão e vinho, e recebidas na fé. Determinam uma vivência pessoal e comunitária a partir de Jesus Cristo e em serviço no mundo.

Lutero vê a integralidade da vida do cristão compreendida pelos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor. O batismo

(28) Daí porque a hóstia, que se dissolve na boca, impedindo o mastigar, embora sendo mais "prática", desfaz, em parte, o sinal. Mais adequado é o pão de consumo, já por ser também de nossa realidade e não algo "a priori" sacro, como o é a hóstia.

(29) Cf. WA II, 748s.; esp.: op. cit., pág. 210s.

(30) WA II, 734; esp.: op. cit., pág. 232

marca seu início, a ceia conduz pela morte à vida eterna. Encontramo-nos sempre entre o batismo, de que viemos, e a ceia, para a qual nos dirigimos. Num certo sentido poder-se-ia dizer que cada ceia é o sinal do retorno à promessa do batismo, a reiteração da confiança de que a promessa de Deus permanece válida, é apreendida na fé e vivenciada no mundo.

3. OS SACRAMENTOS AMEAÇADOS

A IECLB encontra-se hoje em cativo sacramental semelhante ao criticado e superado por Lutero. Há nela “esquecimento” da fé, “afastamento” da palavra e “domesticação” do sinal. O efeito dessa prática é a preservação da instituição eclesiástica, o esvaziamento da fé e o imobilismo social(31).

Parece-me importante e válida também para nós a observação que Juan Luis Segundo faz para o catolicismo, de que a “crise sacramental” surge quando há o intento de renovação da prática sacramental. “Todos os precedentes que produzem a crise nascem precisamente da própria renovação da Igreja.”(32) É verdade que a renovação não teria iniciado, se não houvesse uma percepção prévia preliminar da inautenticidade da prática sacramental. Mas a “crise” é provocada ou pelo menos agudizada com a renovação. Por exemplo, quando se começa a fazer cursos batismais, se verifica freqüentemente quão pouco resta de percepção evangélica dos sacramentos e o quanto estão dominados por uma visão e expectativa mágicas. “Esquecemos” a fé. No batismo a remetemos para o dia da confirmação, reduzimo-la a uma lembrança ritual ou a um apelo um tanto patético ao compromisso dos pais e padrinhos. Na ceia do Senhor suprimimos a confissão ou reduzimo-la a uma fórmula brevíssima, pouco nos perguntamos pela dimensão comunitária, e quanto ao serviço no mundo, deixamo-lo do lado de fora. Quando falo do esquecimento da fé, não me refiro simplesmente à fé como convicção, mas àquela fé que recebe em confiança a graça de Deus e por isso se torna atuante no amor.

O tema fé parece ter sido abandonado a grupos avivalistas, os quais, no tocante aos sacramentos, parecem saber muito pouco de sua promessa. Ocorre aí um “afastamento” da palavra. O sacramento é visto não só em sua prática como mero rito, mas parece sê-lo na sua concepção. O batismo passa a ser obra do

(31) O termo “imobilismo social” tomei-o emprestado de Juan Luis Segundo, op. cit., pág. 86.

(32) Ibidem, pág. 7.

crente e a ceia do Senhor se limita à comemoração comunitária de iniciados convertidos. As campanhas evangelísticas que proclamam a necessidade da fé – a qual obviamente estou longe de negar –, não se reportam, contudo, ao batismo nem culminam com a celebração da ceia, perdendo o meio concreto do amor de Deus, para fortalecimento da fé.

A “domesticação” do sinal, por seu turno, também é evidente. As numerosas facilidades práticas introduzidas, para o desenrolar mais rápido dos sacramentos, têm uma inegável premissa da total desvalorização real do sinal e um ideal oculto de sua supressão. No batismo, a água se limita a alguns pingos, na ceia a hóstia se dissolve na boca. A domesticação do sinal culmina, finalmente, quando não conseguimos mais divisar a intencionalidade de uma nova vida dos que são feitos participantes da morte e ressurreição de Cristo.

É interessante notar que, apesar dessa propensão à desvalorização do significado interior e do sinal exterior do sacramento (ou talvez por isso mesmo), sua celebração e compreensão mágicas constituem uma prática eficaz para a preservação das instituições eclesiais. De fato, os sacramentos são, mesmo na “igreja da palavra” e embora praticada a ceia do Senhor só esporadicamente, o meio mais eficaz de manutenção dos membros. O preço que se paga é a perda da fé pessoal e o que se obtém é o imobilismo social da comunidade cristã, que só recebe uma graça ocasional, mas não é enviada a nada. A igreja sacramental ritual é um dos baluartes mais fortes de preservação do “status quo”. Certamente não é casualidade também que os poderosos, muitas vezes completamente desligados da igreja, preparam festas magníficas para comemorar batismos.

4. A ESPERANÇA NOS SACRAMENTOS

4.1. A necessidade do batismo de adultos para marcar a nova vida em Deus, em vez de manter a velha vida e uma igreja cansada.

Creio que a conseqüência do pensamento de Lutero, quando incluiu a necessidade da fé em sua concepção do sacramento, leva ao batismo de adulto. É possível que Lutero não tenha chegado a esse passo, devido ao fato de que no próprio âmbito da Reforma se passou a considerar o sacramento “apenas” como rito exterior ou então se chegou a exigir e praticar o rebatismo. A repetição do batismo evidentemente é um abuso, embora nossas razões para preferirmos o batismo de adultos ao de lactentes. Na prática

anabatista o batismo claramente se converte em obra humana, desconsiderando então a fundamental dimensão da promessa. No entanto, o batismo de lactentes jamais teria sido criado por Lutero, se já não fosse prática corrente. No fundo, só lhe permanece sentido, dentro de um ambiente "cristão", familiar e comunitariamente, ou até mesmo socialmente, num ambiente de cristandade. Mesmo no Catecismo Maior, onde Lutero defende diante dos anabatistas a legitimidade do batismo infantil, asseverando que "a minha fé não faz o batismo, porém recebe o batismo"(33), o qual é obra de Deus, o Reformador se vê na necessidade de assegurar que as obras de Deus, salvadoras e necessárias para a salvação, "não excluem a fé, senão que a exigem, pois que sem a fé não poderiam ser apreendidas"(34). É, por conseguinte, questionável quando, pelo batismo de lactentes, por assim dizer se programa o afastamento cronológico prático – certamente não teológico teórico – entre a obra de Deus e a recepção da fé. É sabido também como Lutero se viu obrigado a justificar a prática do batismo de lactentes, argumentando com a fé das crianças, o que visivelmente é um artifício teórico de legitimação de uma prática, embora se deva conceder que a fé tampouco deve ser reduzida a um mero assentimento intelectual, e portanto dependente do entendimento racional humano(35).

Num ambiente de indiferentismo e descompromissamento religioso e pluralismo secularista, como é o caracterizado pela sociedade atual, a prática do batismo de lactentes assume contornos de profunda perversão, porque se torna em imposição a pessoas incapazes de resistir, por parte de outras pessoas desinteressadas em viver o próprio batismo. É o que ocorre quando batizamos indiscriminadamente os que simplesmente o pedem (e não para si, mas para seus filhos ou afiliados). O fato de que na prática o único critério para uma eventual recusa de batizar é o não-pagamento de contribuição financeira eclesiástica só serve para acentuar a perversão. No diálogo ecumênico tem sido realçada a necessidade de as igrejas que batizam infantes, não o fazerem indiscriminadamente e "tomar mais a sério a sua responsabilidade em promover um comprometimento amadurecido, com Cristo, de todas as crianças batizadas"(36). Pouco se tem feito quanto ao

(33) Livro de Concórdia, pág. 481.

(34) *Ibidem*, pág. 479.

(35) As outras "soluções" propostas para o dilema "batismo de lactentes – fé", atribuindo esta vicariamente aos pais, padrinhos e comunidade ou remetendo-a para a futura confissão de fé do batizando são mais "realistas", mas ainda menos convincentes para a compreensão do sacramento (que, como vimos, inclui a fé).

(36) *Um só Baptismo, uma só Eucaristia e um só Ministério mutuamente Reconhecido*, documento

último e praticamente nada para evitar a prática de batismo indiscriminado. Por quê? Certamente não é má vontade, pois as igrejas via de regra desejam membros atuantes. Suspeito que a razão seja que o batismo de lactentes é o meio mais eficaz de manter os membros na igreja institucional, mesmo quando já bastante indiferentes.

Felizmente a ordem em vigor na IECLB, aprovada em 1972, deixou liberdade de opção para o batismo de lactentes ou de adultos(37). Creio ser importante essa opção, em vez de se estabelecer legalisticamente o caso para outras pessoas. Como o batismo de adultos imposto a outros seria na prática verdadeiro decreto de exclusão da igreja, penso que é mais importante que gente identificada com a fé cristã faça uso dessa liberdade para si mesmo em suas famílias. Tratar-se-ia de um gesto que aponta para o significado do batismo (morrer e ressuscitar) e, portanto, apto para despertar a consciência da comunidade cristã.

4.2. A necessidade da celebração freqüente da ceia do Senhor, para fortalecer no serviço e na libertação, em vez de solidificar estruturas de opressão.

Se Juan Luis Segundo fala que há no catolicismo uma verdadeira "intoxicação" sacramental(38), de tão freqüente e mágica, cumulativa, nossa situação é a inversa. O estranho é que mesmo quando a prática normal (em termos estatísticos) na IECLB é a participação na ceia uma vez ao ano, ela não deixou de exercer um papel mágico e conservador. Uma vez por ano se reúnem as massas evangélicas, que são para todos os efeitos práticas confirmadas na sua vida. Pouco há aí de uma comunidade que celebra a comunhão com Cristo e entre si, confortando-se mutuamente, carregando mutuamente as cargas uns dos outros e se fortalecendo para a obra do amor e da justiça entre os homens. Ao contrário, é um poderoso veículo para que tudo permaneça como está, se agüentem as cargas e se solidifique a injustiça.

da Comissão de Fé e Ordem, n° 73 (Genebra 1975), pág. 29. "As igrejas partidárias do batismo dos crentes", por seu turno, são exortadas a "reconsiderar todos os valores de um batismo infantil responsável, especialmente o lugar que ele oferece à criança na providência de Deus para a sua Igreja; a primazia que ele dá à actuação de Deus em Cristo através de Seu Espírito e a generalizada e antiga prática em Igrejas responsáveis que procuram agir sob a orientação do Espírito" (pág. 28s).

(37) *Nossa Fé – Nossa Vida. Um Guia de Vida Comunitária em Fé e Ação* (São Leopoldo 1972), pág. 21).

(38) J. L. Segundo *ibid.*, pág. 39ss.

Penso que a celebração freqüente da ceia é aí uma condição indispensável, para a descoberta de seu significado. É claro, porém, que a freqüência em si de pouco adiantará. Para aproximar-se do sentido verdadeiro, toda ceia deverá ser acompanhada de reflexão e pregação quanto ao seu significado e estar inserida no contexto de uma vivência comunitária ampla.

4.3. A comunidade de base como iugar de celebração é o quadro mais adequado para a transformação do rito mágico individualizante em sinal da presença de Deus na vida de uma comunidade em libertação.

É preciso estar bem cômico de que apenas mudanças na prática sacramental não acarretarão a redescoberta viva do significado dos sacramentos. Com razão, J. L. Segundo aponta para o fato de que a crise sacramental é uma crise da igreja(39). Uma igreja de massas praticamente só é capaz de receber o sacramento, em vez de celebrá-lo, talvez de se consolar, mas dificilmente de se mover. Ela se perpetua no individualismo geralmente egocêntrico, é praticamente inoperante para uma ação comunitária e solidária. Quase que forçosamente ela tem de abstrair de todos os problemas humanos e sociais, para cuja solução os sacramentos deveriam fortalecer. Ela não combate, mas esconde as injustiças. A partir daí é de se concluir que, em última análise, ela também abandona o indivíduo, em vez de ajudá-lo, com sua prática. Aí os sacramentos são túmulo da comunidade cristã. Há, portanto, uma "crise de coerência comunitária" e é preciso chegar a uma "correspondência entre o que o sacramento significa e a realidade da comunidade cristã no mundo."(40)

A alternativa é clara: comunidade, comunidade de base. Entre irmãos e irmãs — Mt 18,20: onde dois ou três estiverem reunidos no nome de Jesus —, que ouvem o chamado para uma nova vida, vivenciam o perdão de Cristo, seguem no discipulado, se colocam na história do amor de Deus, assistem aos afligidos, apóiam aos oprimidos, combatem o mal, o pecado e a injustiça, aí os sacramentos quase que por si se transformam em sinais significativos e serão berço da comunidade cristã.

Resta fazer uma observação quanto ao caminho de alcançá-lo. Em primeiro lugar, é preciso fazer essa opção pastoral pelas comunidades de base. Com clareza e perseverança. Vejo indícios crescentes dessa opção estar sendo tomada não apenas na Igreja

(39) Ibidem, pág. 5.

(40) Ibidem, pág. 43.

Católica, mas também na IECLB. Há, porém, resistências, e elas provavelmente crescerão. Pois se nessa opção há uma dinâmica evangélica de transformação, o "diabo" não ficará quieto aceitando tudo, mas moverá se possível os melhores para manter, em vez de transformar.

A outra pergunta é se essa opção deverá ser tomada à margem ou dentro da igreja de massas. Não creio que aqui se trate de uma opção genérica. Haverá ocasiões em que será necessário um corte radical, e outras que requererão a ação diagonal através das estruturas. Aliás, a ruptura só haverá de ser a opção coerente quando houver razões suficientemente fortes para fazer crer que a outra alternativa definitivamente não apresenta perspectivas ou quando o apelo de fora apresentar uma urgência tal que a convocação se torne imperiosa. O próprio J. L. Segundo, de quem tomo esta ênfase nas comunidades minoritárias, adverte que não devemos minimizar as possibilidades da igreja de massas⁽⁴¹⁾. Afinal, há nelas uma maioria que não é culpada, mas vítima dessa distorção eclesial e de sua conseqüente perversão sacramental. Tampouco podemos desconsiderar, numa igreja da Reforma e da palavra, de um lado a solidariedade ativa, embora sob denúncia, com os pecadores (entre os quais sempre também nos encontramos), e de outro lado, a potencialidade inerente à própria palavra. As grandes transformações ocorridas na época da Reforma, pelo veículo da palavra, que era ação, nos podem ser um exemplo animador. Finalmente, não podemos deixar de perceber que a própria realidade está sofrendo transformações sociais que levam mais e mais pessoas, também membros da IECLB, a passarem à condição oprimida de minifundiários, operários e marginalizados. Este é o chão em que se formam comunidades eclesiais de base.

(41) *Ibidem*, pág. 115ss, especialmente 117.